



Revista Linguasagem – 15ª Edição / [www.lettras.ufscar.br/linguasagem](http://www.lettras.ufscar.br/linguasagem)

## A PRODUTIVIDADE LÉXICA DE *BERRY* NO INGLÊS CONTEMPORÂNEO

Carolina Reolon Jardim<sup>1</sup>

### Introdução

A língua inglesa possui uma alta capacidade composicional. Para melhor entender essa capacidade é preciso primeiro atentar sobre o conceito de produtividade como o uso que uma língua faz de um traço ou padrão específico (CRYSTAL, 1985, s.v. *produtividade*). Um padrão é considerado produtivo quando é usado repetidas vezes na língua para criar mais lexemas do mesmo tipo, por exemplo o radical *house* – em língua inglesa esse radical forma ambos substantivos e verbos, ex.:

He is a *housekeeper* (substantivo)

He was *housekeeping* (verbo)

Em linguística, “capacidade composicional” entende-se por um modelo hierárquico de estrutura em que unidades maiores são vistas como “compostas” de unidades menores. Em relação à formação de palavras, o termo é usado para duas finalidades: indicar “processos de composição” de maneira geral; e referir-se a um tipo específico de composto (CRYSTAL, 1985, s.v. *composição*).

Hockett (1958, p. 81) denomina o fenômeno da “capacidade composicional” como “complexidade morfológica”. Para Hockett, o grau de complexidade morfológica de uma língua pode ser medido pela média de morfemas por palavra em uma amostra relevante. Essa média, em inglês, é de 2 morfemas por palavra. Um exemplo que ilustra a enorme produtividade léxica da língua inglesa é o radical, anteriormente citado, *house* - morfema lexical usado para a construção de novas palavras na língua, como as palavras compostas *lighthouse*, *winehouse*, *houseboat*, *housework*, etc.

Na língua inglesa o caso do radical *berry*, objeto do presente estudo, apresenta particularidades dignas de serem investigadas, tais como: a complexidade semântica de seus compostos (intensão); as discrepâncias entre a noção científica e a noção de língua comum, bem como a sua projeção sobre o

---

<sup>1</sup> Bacharel em Letras (Português / Inglês) – Instituto de Letras, Departamento de Línguas Modernas, UFRGS. [carolrjardim@yahoo.com.br](mailto:carolrjardim@yahoo.com.br)

campo léxico de *berry* (extensão); e o pressuposto de que os dicionários, de um modo geral, não apresentam um panorama coerente sobre esses aspectos. Em consequência, as particularidades citadas devem ser estudadas do ponto de vista semântico e lexicográfico.

Do ponto de vista semântico, a complexa situação de *berry* será analisada à luz das distinções feitas por Cruse (1986, p. 86), que descrevem as relações de congruência, tais como: “identidade”, “inclusão”, “overlap” e “disjunção”. Essas relações servem não só para estabelecer um grupo fundamental das relações de significação, como também para definir um conjunto de variantes semânticas virtualmente aplicáveis a todas as relações paradigmáticas de significação.

O radical *berry* também será estudado sob a perspectiva de Baldinger (1977, p. 49), que discorre a distinção entre realidade e objeto mental. Baldinger (1977, p. 56) ainda difere a determinação dos objetos mentais nas linguagens comum e científica.

Por último, a complexidade morfológica de *berry* precisa ser entendida à luz dos conceitos de intenção e extensão (HARTMANN; JAMES 1998, s.v. *intention*, s.v. *extension*).

### Elucidação do *corpus* utilizado

Dentre os desafios que um dicionário bilíngue inglês-português apresenta está a alta propensão do inglês para criar compostos. O radical *berry* – assim como *house*, *man*, e outros – é um exemplo que oferece uma alta produtividade. No entanto, diferente de outros radicais, *berry* produz compostos complexos. Para melhor entender essa complexidade é preciso partir das definições de *berry* contidas nos dicionários por nós elencados para análise.

**berry** /ˈbɛri/ *n. & v.* · *n.* (pl. *-ies*) **1** any small roundish juicy fruit without a stone **2** *Bot.* a fruit with its seeds enclosed in a pulp (e.g. a banana, tomato, etc.) **3** any of various kernels or seeds (e.g. coffee, bean, etc.) **4** a fish egg or roe of lobster etc. · *v.intr.* (*-ies, -ies*) **1** (usu. as **berrying** *n.*) go gathering berries **2** form a berry; bear berries. · **berried** *adj.* (also in *comb.*) [Old English *berrie*, from Germanic]

COD (1995, s.v.)

'**berry** \ˈber-ē\ *n.pl.* **berries** [ME *berye*, fr. OE *berrie*; akin to OHG *beri* berry] (bef. 12c) **1 a:** a pulpy and usu. edible fruit (as strawberry, raspberry, or checkerberry) of small size irrespective of its structure **b:** a simple fruit (as curant, grape, tomato, or banana) with a pulpy or fleshy pericarp **c:** the dry seed of some plants (as wheat) **2:** na egg os a fish or lobster

<sup>2</sup>**berry** vi ber-ried, ber-ry-ing (ca 1780) **1:** to bear or produce berries <a ~ing shrub> **2:** to gather or seek berries

WebColl (1999,s.v.)

**berry** /'beri/ noun [C] a small, round fruit on some plants and trees

CLD (2001, s.v.)

Existe um grande número de compostos de *berry* no inglês contemporâneo (Tabela 1). Esse número tende a aumentar a medida em que novas frutas, advindas de outras culturas, são introduzidas nos países falantes de língua inglesa, bem como, com o cultivo de espécies de frutas híbridas dentro desses próprios países. Ex.:

*Gojiberry* (espécie originária da China introduzida no Reino Unido e nos Estados Unidos já no século XXI)

*Jostaberry* (espécie híbrida de *blackcurrant* e *gooseberry*)

Essas novas unidades na língua criam uma série de compostos neológicos a partir de um mesmo radical.

WebColl (1999)	COD (1995)	CLD (2001)	Corpus próprio*
<i>blackberry</i>	<i>blackberry</i>	<i>blackberry</i>	<i>barberry</i>
<i>blueberry</i>	<i>blueberry</i>	<i>blueberry</i>	<i>bearberry</i>
<i>checkerberry</i>	<i>checkerberry</i>	<i>cranberry</i>	<i>blackberry</i>
<i>cranberry</i>	<i>cranberry</i>	<i>gooseberry</i>	<i>blueberry</i>
<i>fen-berry</i>	<i>gooseberry</i>	<i>raspberry</i>	<i>cape gooseberry</i>
<i>gooseberry</i>	<i>raspberry</i>	<i>strawberry</i>	<i>cranberry</i>
<i>raspberry</i>	<i>strawberry</i>		<i>crowberry</i>
<i>strawberry</i>			<i>elderberry</i>
			<i>gooseberry</i>
			<i>lingonberry</i>
			<i>loganberry</i>

*nannyberry*

*raspberry*

*strawberry*

*salmonberry*

*thimbleberry*

---

\* O *corpus* próprio deste trabalho foi extraído de diferentes tipos de texto tanto em linguagem comum quanto em linguagem científica.

### A complexidade dos compostos de *Berry*

Os compostos de *berry* apresentam uma série de particularidades. A primeira delas é a complexidade semântica de seus compostos, uma vez que, não se pode extrair o seu significado por meio da junção dos significados de seus constituintes. De um modo geral os compostos de *berry* não são transparentes.

Hockett (1958, p. 184) difere em sua obra dois tipos principais de compostos: “compostos endocentricos” e “compostos exocentricos”. Nos compostos endocentricos o núcleo de significado pode ser extraído a partir da somatória das bases léxicas que o compõe. O significado do composto é totalmente transparente. Ex.:

The *doghouse* (*house* = *casa* (núcleo); *dog* = *cachorro* (modificador); significado = *casa do cachorro* (junção dos constituintes)).

Já nos compostos exocentricos, o significado do composto não pode ser deduzido por meio da união do significado de seus constituintes. O significado é total ou parcialmente opaco. Ex.:

A *white-collar job* (*white* = *branco*; *collar* = *colarinho*; significado = *trabalho de escritório* (o composto não possui núcleo de significado na junção de seus constituintes, e sim, fora deles)).

Nesse contexto, a raiz *berry* forma compostos excêntricos por duas razões principais:

1. a maioria dos constituintes que se ligam a esse radical não possui significado quando isolado. Ex.: *Cran.berry* (não há nenhum verbete que aponte um significado para *cran* nos dicionários pesquisados).

2. na própria definição de *berry* há uma discrepância entre o seu significado na linguagem comum e na linguagem científica.

### A distinção entre objeto mental e realidade

Baldinger (1977, p. 49) discorre em sua obra sobre a diferença da noção de linguagem científica e linguagem comum e também sobre o conceito de realidade *versus* objeto mental. Para o autor existe uma diferença na determinação dos objetos mentais nas linguagens comum e científica. Para melhor entender essa diferença, é preciso partir da distinção entre os conceitos de objeto mental e real.

A linguagem é a transposição da realidade. Essa transposição cria nos indivíduos uma série de objetos mentais que são como um esquema de representação, uma espécie de resumo de um determinado campo da realidade. Por exemplo, *quente*, *frio* e *morno* são fragmentos da realidade, esquemas de representação que só existem na língua. Pois não há, dentro da realidade, um limite preciso entre o que é *frio*, *morno* e *quente*. O que existe, em realidade, são zonas de transição como mostra o esquema abaixo. É a linguagem que, de alguma forma, tenta traçar esses limites.



Na verdade, a linguagem tenta traçar limites conceituais dentro de uma realidade sem limites, o que acaba gerando um problema, pois, muitas vezes, os objetos mentais não correspondem à realidade com a qual o indivíduo se depara. Por exemplo, seguindo os argumentos precedentes, a maioria das pessoas sabe diferenciar uma água fria de uma água morna de uma água quente, mas, essas mesmas pessoas, quando deparadas com uma zona de transição ficam confusas. Não é possível precisar quando a água deixa de ser fria e passa a ser morna, ou quando ela deixa de ser morna e passa a ser quente.

Com a linguagem científica acontece o mesmo. Como ela faz uso da linguagem comum para traçar limites, muitas vezes ela não escapa das implicações polissêmicas e homonímicas características da língua comum.

Para melhor exemplificar o uso da língua comum para traçar os limites da definição de um objeto, Baldinger (1977, p. 80) propõe um modelo de determinação de semema, baseado na definição, a partir dos traços distintivos de uma unidade linguística. No caso de *berry*, partindo dos principais traços distintivos contidos nas definições dos dicionários (objetos mentais), teremos uma tabela como a Tabela 2, abaixo.

	E						B									
	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12	13	14	15	16
Small	+						+									
Roun dish	+						+									
Juicy	+						+									
Witho ut a stone	+						+									
Pulpy	+						+									
Cover ed seeds	+						+									
Edible	+						+									

B<sub>1</sub> barberryB<sub>7</sub> crowberryB<sub>13</sub> raspberryB<sub>2</sub> bearberryB<sub>8</sub> eldreberrB<sub>14</sub> strawberryB<sub>3</sub> blackberryB<sub>9</sub> gossberryB<sub>15</sub> salmonberryB<sub>4</sub> blueberryB<sub>10</sub> lingonberryB<sub>16</sub> thimbleberryB<sub>5</sub> cape goosberryB<sub>11</sub> loganberryB<sub>6</sub> cranberryB<sub>12</sub> nannyberry

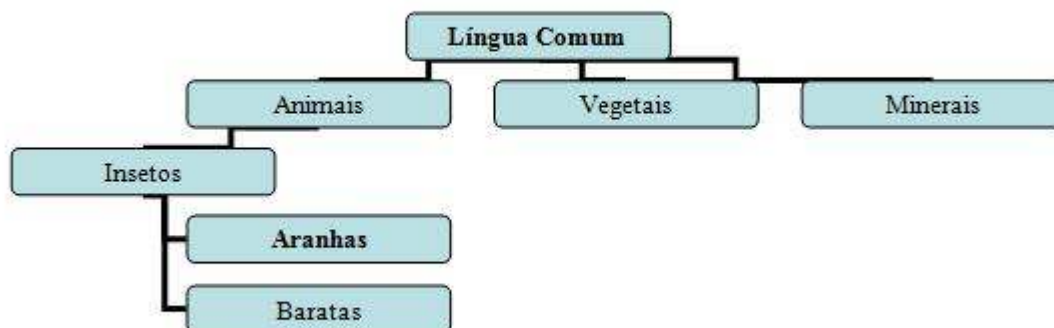
O principal problema com o modelo descrito acima é que ele utiliza a linguagem comum para traçar os limites da definição e, como já foi visto anteriormente, não escapa dos fenômenos contidos nessa linguagem. Por exemplo, aplicar *roundish* (*arredondado*) como traço distintivo na definição de *berry* implicaria em considerar que *roundish* também é um esquema de representação criado na linguagem. Sendo assim, também possui uma escala de graduação com zonas de transição e limites imprecisos. Quando um objeto deixa de ser *redondo* e passa a ser *arredondado*? Ou quando ele deixa de ser *arredondado* e passa a ser *assimétrico*? Estaria o *morango* (*strawberry*) em uma dessas zonas de transição?

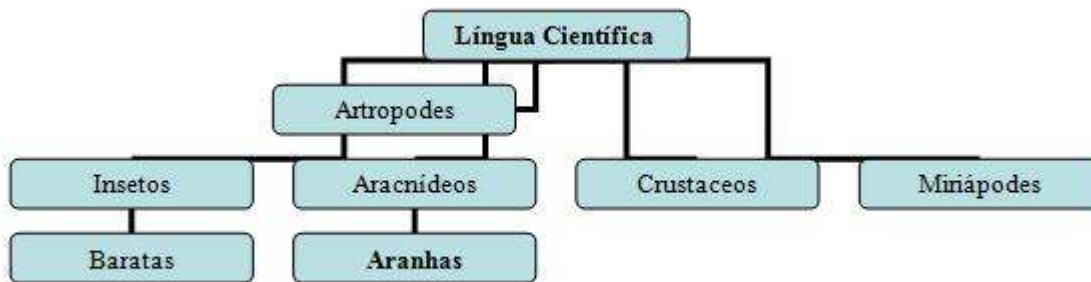


Uma segunda implicação da Tabela 2 é que os dicionários não apresentam traços que permitam a oposição de uma unidade léxica à outra (ex.: B<sub>2</sub>, B<sub>3</sub>, B<sub>4</sub> e B<sub>5</sub>). Assim, em lugar de oposições constantes o que se obtém são neutralizações léxicas.

### A distinção entre realidade e objeto mental

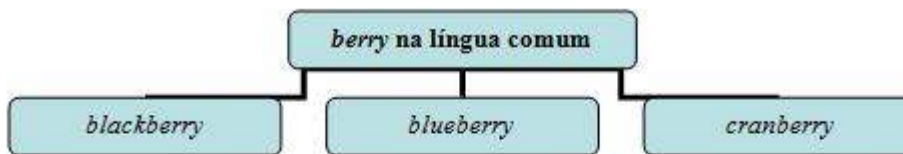
Segundo o exposto acima, devido ao olhar específico de cada ciência, a estruturação da realidade feita pela mesma não tem porque coincidir necessariamente com o olhar da realidade da língua comum. Baldinger (1977) afirma, ainda, que um lexema pode ser hipônimo de outro na linguagem comum e não ser na linguagem científica. Por exemplo, *aranha* na linguagem comum é hipônimo de *inseto* e na linguagem científica é hipônimo de *aracnídeo*, como ilustra o esquema abaixo.





Nos casos dos compostos de *berry* o que acontece é mais ou menos o mesmo. Existe uma diferença entre o que é *berry* no senso comum e o que *berry* para um especialista (botânico, biólogo, etc.).

No senso comum *berry* é, basicamente, “qualquer fruta pequena, arredondada, suculenta e sem caroço (ex., *blackberry*, *blueberry*)”. Já na linguagem botânica, *berry* se aplica a frutas simples que são formadas a partir de um único ovário e cujas sementes são incrustados na polpa (ex., *tomato*, *chili pepper*). Sendo assim, pode-se afirmar que *tomato* (*tomate*) é hipônimo de *berry* na língua científica e não na língua comum, ao passo que *blueberry* (*mirtilo*) é hipônimo de *berry* na língua comum e não na língua científica.





O caso do composto *blueberry* é o resultado de uma mudança semântica. O “escopo” de *berry* modificou-se através dos anos, resultando em uma extensão de seu significado. Para Stockwell & Minkova (2001, p. 56), os resultados das mudanças semânticas são descritos e classificados em termos de duas propriedades: “escopo” e “status”. O escopo se refere ao quão amplo o significado de uma palavra pode ser, ou seja, o quanto esse significado inclui. Um exemplo de mudança de escopo é o lexema *meat* em língua inglesa. *Meat*, que já se usou em inglês para designar qualquer comida sólida (“*meat and drink*”), teve seu alcance reduzido e, atualmente, significa somente um tipo particular de comida – a carne de animais. Nesse caso, o escopo da palavra sofreu um estreitamento.

No caso do radical *berry*, levando em consideração sua etimologia, pode-se afirmar que o escopo da palavra se modificou no sentido contrário ao do exemplo anterior. O radical, que em princípio, alcançava apenas designar espécies de uva (*grape*)<sup>2</sup>, se estendeu e passou a designar qualquer “fruta, arredondada, pequena, suculenta e sem caroço<sup>3</sup>” (COD, 1995, s.v. *berry*) na linguagem comum. Com isso seu significado foi generalizado e seu escopo foi expandido. Em outras palavras, uma vez que o senso comum faz uso de *berry* para referir-se a qualquer “fruta, arredondada, pequena e sem caroço” o significado do radical se expande a partir do significado original.

Outro aspecto relacionado à noção de língua comum e língua científica, bem como, à mudança de escopo, é o processo de “overlap”, que se observa na família léxica de *berry*. Segundo Cruse (1991: 86) existem quatro relações básicas entre classes que permitem efetuar duas tarefas distintas:

1. estabelecer um agrupamento fundamental das relações de significação;
2. definir um conjunto de variantes semânticas.

O autor denomina essas relações básicas “relações de congruência” e as subdivide em quatro grupos de acordo com a relação que os membros de suas classes mantém entre si – hipoteticamente classes A e B:

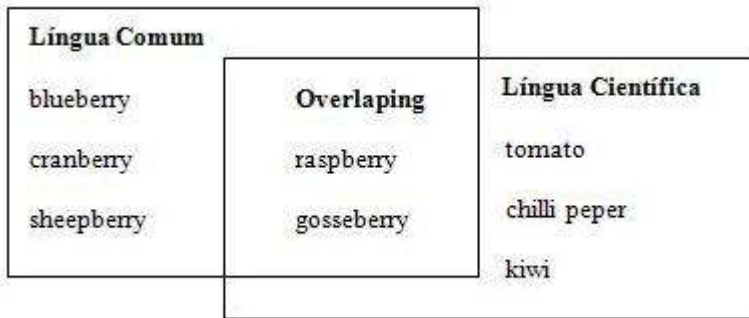
- a- “Identidade”: classes A e B possuem os mesmos membros;
- b- “Inclusão”: os membros da classe B se incluem na classe A;
- c- “Overlap”: classes A e B possuem membros em comum mas, ao mesmo tempo, cada uma possui seus próprios membros;
- d- “Disjunção”: classes A e B não possuem membros em comum.

O modelo de distinção de Cruse (1991, p. 87) pode ser facilmente transportado para a caso dos compostos de *berry* se no lugar de classes A e B tivermos uma classe “linguagem comum” e uma classe “linguagem científica” conforme o esquema abaixo.

---

<sup>2</sup> ME & OE *berie*, a berry, grape, akin to ON *ber*, Goth *weina-basi*, lit., wine berry. Cf. <http://www.yourdictionary.com/berry>.

<sup>3</sup> [any small roundish juicy fruit without a stone]



Do ponto de vista da distinção entre linguagem científica e linguagem comum, o caso dos compostos derivados do radical *berry* se encaixa perfeitamente no que Cruse (1991, p. 92) classifica como “overlapping lexical”. Em outras palavras, alguns compostos de *berry*, membros da classe “linguagem comum”, são compatíveis com alguns dos membros da classe “linguagem científica”, mas ambas as classes possuem membros específicos não compatíveis e não compartilháveis – como é o caso de *blueberry* para a linguagem comum e *kiwi* para a linguagem científica. Cruse (1991, p. 93) ainda divide a “compatibilidade” (relação de “overlap”) em duas subcategorias: “compatibilidade estrita” e “compatibilidade contingente”. O que difere uma da outra é que a primeira (compatibilidade estrita) exige que ambas as classes comparadas – no caso, linguagens comum e científica – possuam, no mínimo, um hipônimo em comum. São vários os compostos de *berry* que servem como hipônimo para ambas as classes (*strawberry*, *gooseberry*, *raspberry*, etc.), o que faz com que a relação entre linguagem comum e linguagem científica seja uma relação de “compatibilidade estrita”.

### **Os dicionários de um modo geral não apresentam um panorama coerente sobre os aspectos mencionados**

Como visto ao longo desse estudo, são muitas as particularidades que tornam os compostos derivados da raiz *berry* estruturas altamente complexas. No entanto, nenhum dos dicionários analisados apresenta um panorama coerente sobre esses aspectos. Os principais problemas encontrados nas definições de *berry* são:

a) na maioria dos dicionários analisados, não há, sequer, um marcador que indique ao consulente que existe diferença entre o lexema na língua comum e na língua científica;

b) os traços distintivos contidos nas definições desse radical não permitem ao consulente entender porque *fig* (*figo*), por exemplo, não pode ser classificado como *berry*.

Bugueño Miranda (2009, p. 43), propõe uma taxonomia de paráfrases explanatórias. Dentre outras coisas, o autor separa a “perspectiva semasiológica” da “perspectiva onomasiológica” e sugere a substituição da palavra “definição” por “paráfrase explanatória”.

A perspectiva semasiológica (BUGUEÑO MIRANDA, 2009, p. 249) está intrinsecamente ligada ao que Hartmann & James (1998, s.v. *intentional definition*) classificam como “definição intencional”. Nessa perspectiva, a definição de uma determinada unidade léxica consiste em uma paráfrase explanatória que lista uma série de traços capaz de fazer o consulente distinguir a entidade descrita de demais entidades, sempre a relacionando com seu hiperônimo. Ex. *berry*: “any small roundish juicy fruit without a stone”. O problema dessa definição de *berry* é que ela acaba sendo muito genérica e não cumpre uma das premissas básicas, anteriormente citada, que é fazer com que o consulente seja capaz de distinguir os *berries* de outros tipos de frutas. Por exemplo, por meio da definição de *berry* não é possível entender porque *goiaba* (*guava*) não pode ser considerada um *berry*. Outro problema como essa definição é que uma pesquisa mais detalhada revela que nem todos os *berries* são comestíveis (como afirma a paráfrase explanatória de *berry*). Alguns *berries* podem ser venenosos para os seres humanos, como é o caso da *deadly nightshade* e os frutos da batata.

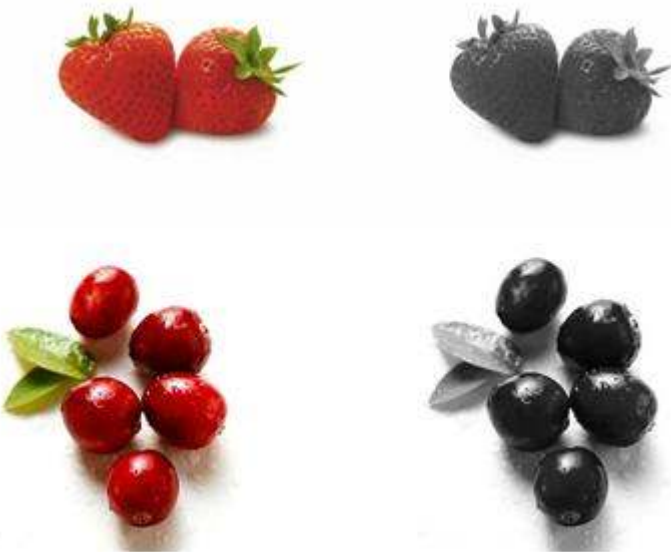
Já perspectiva onomasiológica (BUGUEÑO MIRANDA, 2009, p. 251) é o que Hartmann & James (1998: s.v. *extensional definition*) classificam como “definição extensional”. Isso quer dizer que a definição de uma dada unidade léxica consiste em uma paráfrase explanatória que explica a significação de uma unidade léxica por meio da enumeração dos seus hipônimos. Enquanto a perspectiva semasiológica tenta estabelecer quais conceitos estão associados à uma determinada palavra, a perspectiva onomasiológica toma como ponto de partida o conceito e investiga quais palavras se associam a ele (GEERAERTS, 2003, p. 83). Em dicionários alfabéticos isso pode ser feito listando sinônimos ou antônimos ou incluindo marcações que possam indicar que a palavra pertence a um domínio conceitual específico. Por exemplo, a definição de *berry* como: “*Bot.* a fruit with its seeds enclosed in a pulp (*e.g. a banana, tomato, etc.*) (COD, 1995, s.v. *berry*)” ou “a simple fruit (*as curant, grape, tomato, or banana*) with a pulpy or fleshy pericarp” (WEBCOLL, 1999, s.v. *berry*).

O problema é que essa distinção nem sempre é levada em conta pelos dicionários, que não consideram que há uma diferença no conceito de *berry* nas línguas comum e científica. Assim, muitos dicionários fornecem mais de uma definição para *berry*, porém, sem incluir marcação alguma. Por meio dos exemplos fornecidos pelos dicionários, não fica claro que na língua comum *berry* diz respeito à “qualquer fruta pequena, arredondada, suculenta e sem caroço” independentemente de sua configuração fisiológica.

Outra alternativa de definição, levando em consideração o ponto de vista onomasiológico, é a “substituição ostensiva” (BUGUEÑO MIRANDA, 2009, p. 253). Essa definição consiste, basicamente, em substituir as definições escritas por elementos iconográficos. Esse tipo de definição pode ser bastante útil em alguns casos, mas para que essa definição funcione é necessário considerar fatores como:

1. o tipo e a qualidade da publicação;
2. o quão prototípica é a imagem.

No caso de *berry* é quase impossível utilizar esse tipo de definição. Não se pode esquecer que dicionários são produtos editoriais e, como tal, necessitam se adaptar às condições reais de publicação. Também, o fato de que a unidade léxica *berry* possa ser aplicada a diferentes frutas faz com que sua imagem não seja suficientemente prototípica. Por exemplo, espera-se que qualquer pessoa quando deparada com a imagem de um *morango* seja capaz de identificá-la como tal. Por outro lado, é muito difícil, mesmo para um especialista, indentificar uma fruta como o *cranberry* por meio de uma substituição ostensiva, especialmente caso confrontado como uma publicação em preto-e-branco. Os exemplos abaixo ilustram essa dificuldade (a primeira imagem é de um *morango* (*strawberry*) e a segunda de um *cranberry*).



## Conclusão

Por meio desse estudo foi possível concluir que o radical *berry* possui uma alta produtividade no inglês contemporâneo. Devido à diferença entre os conceitos de *berry* na língua comum e na língua científica, é possível afirmar que essa raiz forma compostos excêntricos. Como o passar dos anos, *berry* teve seu escopo expandido e nos dias de hoje é hipônimo de uma série de diferentes frutas em ambas línguas, comum e científica. Também foi possível concluir que no caso de *berry* a relação entre as classes “língua comum” e “científica” é de “overlap”. Intensão e extensão, embora conceitos

conhecidos pela semântica e pela lexicografia, se misturam na relação de paráfrases explanatórias, fato que, muitas vezes, compromete a compreensão das mesmas.

### **Bibliografia**

BALDINGER, Kurt. **Teoría Semántica**. Madrid: Alcala, 1977.

BUGUEÑO MIRANDA, Félix. Para uma taxonomia de paráfrases explanatórias. **Revista Alfa**, São Paulo, v.53, n. 1, p. 243-260, 2009.

CLD. **Cambridge Learners Dictionary**. Cambridge: CUP, 2001.

COD. **Concise Oxford Dictionary**. Oxford: OUP. 1995.

CRYSTAL, David. **Dicionário de linguística e fonética**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1988.

CRUSE, David Alan. **Lexical Semantics**. Cambridge: CUP, 1986.

GEERAERTS, Dirk; MINKOVA Donka. Meaning and defnition. In:\_\_\_\_\_. **A practical guide to lexicography**. Amsterdam: Piet van Sterkenburg, 2003. p. 83-93.

HARTMANN, Reinhard; JAMES, Gregory. **Dictionary of Lexicography**. London: Routledge, 1998.

HOCKETT, Charles Francis. **A Course in Modern Linguistics**. New York: Macmillan, 1958.

STOCKWELL, Robert; MINKOVA, Donka. **English Words: History and Structure**. Cambridge: CUP, 2001.

WEB COLL. **Webster's Coolidge Dictionary**. Michigan: Merriam Webster, 1999.

Recebido em: 31 de agosto de 2010.

Aceito em: 12 de setembro de 2010.

